

QUEM AINDA SE IMPORTA COM O QUE DIGO?

Günter Grass

Tradução: Márcio Suzuki

Leipzig, pouco tempo atrás. Dia de primavera antecipada. À tarde, numa espécie de presságio em relação ao qual quisesse tranquilizar-me, visitei mais uma vez a Igreja de São Nicolau com o intuito de encontrar, na praça onde tudo começou, uma placa de rua pintada à mão. Com a borda azul, decorativa e fora de moda, e com a inscrição, também em azul, pincelada de maneira fina e límpida, parecia realmente autêntica, tendo sido dela que o ponto de partida da Revolução do outono do ano passado recebeu seu novo nome: "Praça dos Logrados". Sob esta inscrição, podia-se ler em caracteres pequenos: "Os Filhos de Outubro vos saúdam. Ainda estamos aqui".

Este artigo foi publicado
em *Die Zeit*, nº 20, de
11 de maio de 1990.

Não sei o que foi feito da placa, que parecia tão autêntica. Talvez possa ter sido salva como reminiscência, para o que não faltarão museus: muita coisa agora já pertence ao passado. Para mim, todavia, essa versão condensada de uma desilusão de graves conseqüências continuou presente, pois não apenas os resultados das eleições de 18 de março e 6 de maio, mas também o desenvolvimento ulterior do processo de unificação alemã (até a união monetária) deixaram de lado, por ora ou para sempre, os "Filhos de Outubro", os logrados, os verdadeiros revolucionários que, de forma pacífica, romperam o monopólio de poder do Estado e do Partido.

Se quisesse tratar do tema da obstinação em política, o melhor modo de iniciá-lo não poderia ser outro senão lembrar a obstinação dos revolucionários de Leipzig, Dresden e Berlim, pois ela já foi tragada por aquele pretérito que se usa em narrativas ou conversas em voz baixa; ou será que esta obstinação ainda existe, estando apenas oculta pelas palavras grandiloquentes, pelas cortinas da história às quais se tentou rapidamente cerrar, e, enfim, pela moeda que, em letras grandes, se apresenta como forte?

Seria ocioso relatar quanta obstinação democrática estava em jogo no início, e quanto as pessoas não se permitiam umas às outras naqueles

momentos em que a tolerância era a lei, e a Igreja de São Nicolau o único lugar a oferecer abrigo; apenas uma triste canção poderia dizer quão pouco restou disso tudo sob o ditame da unificação. A última expressão dessa democracia vivida foi um projeto de Constituição apresentado por membros diretores do Novo Fórum (*Neues Forum*) e do grupo Democracia Já (*Demokratie Jetzt*) à então recém-eleita Câmara do Povo. Mal tendo sido discutido, o projeto foi rejeitado pelos notórios detentores da razão. O que estava em pauta era tão-somente a anexação, que não deve ser chamada de anexação (*Anschluss*). Nem mesmo a margem de negociação existente entre os parágrafos 23 e 146 da Lei Fundamental pôde ser percorrida, nem utilizada para reflexões mais abrangentes, nem deixada para a obstinação democrática. É preciso avançar depressa. Tudo o mais deve esperar. As datas estão marcadas. Do lado de lá, a palavra de ordem "Nós somos o povo" teve certa razão de ser durante um curto período; entre nós, é o primeiro-ministro quem tem a palavra. Este quer figurar na história como o primeiro-ministro da unificação, pois faz anunciar, como momento histórico, uma entre duas de suas volumosas aparições para, assim, ir ganhando todas as eleições. "O trem partiu", era o que se dizia e é o que se diz, "e ninguém pode detê-lo."

À nítida distância da plataforma de embarque restam os logrados, aflitos pela obstinada preocupação com o que possa acontecer ao trem, tanto mais que ninguém (nenhum sinal de advertência) pode detê-lo. Como alguém que propugnou pela confederação dos dois Estados alemães durante anos, e ainda mais enfaticamente desde o outono do ano passado, ou seja, como alguém que dá mais importância à união do que a uma unidade que aprendeu a temer, quedo também na plataforma, a repetir, como um papagaio, minhas preocupações, pressentindo que o trem que acabou de partir está programado para o desastre. É apenas por isso — e mesmo que ninguém mais queira ouvir — que se deve ousar lançar algum olhar desde a Praça dos Logrados.

Durante quarenta anos, até não muito tempo atrás, a RDA foi um Estado que controlava a si e a seus cidadãos. Censura era a sua lei. A má administração regulava o dia-a-dia. O Estado se manifestava de maneira tutelar até que o poder lhe foi subtraído pelos cidadãos, e se deram as primeiras lições de democracia. Mas a tutela não bate de novo à porta destes cidadãos? Não se lhes recomenda expressamente, tal como há pouco na campanha eleitoral, que compreendam a produtividade como liberdade? Não lhes foram sem mais recusados alguns anseios constitucionais proveitosos à democracia como se fossem palavras simpáticas, embora vãs? E não sucumbiram uma vez mais a um "ismo", desta vez na figura do marco ocidental, ainda que este venha adornado com as ofertas da liberdade de viagem e de consumo?

Aquilo que se começou com coragem, que reforçou a própria consciência após tanta humilhação, que deixou espaço para a chalaça e até para a jovialidade, proporcionando um breve período de júbilo nos dois Estados, tornou-se motivo de tristeza. O patrono da unidade alemã chama-

se pesar. Aquilo que nas conversas começou de maneira tateante, ouvindo-se os interlocutores; aquilo que, deveria dar espaço a idéias que pudessem ser confiáveis também a nossos vizinhos, antes de tudo aos poloneses, reduziu-se a mera questão de marcos e centavos. É necessário que o dinheiro substitua as idéias insuficientes ou exorbitantes. Moeda forte para compensar a pobreza de espírito. Com a demanda em níveis críticos pretexta-se, como substitutivo, a idéia de Europa. Não se pergunta pela aproximação gradativa dos alemães, mas apenas e unicamente pela ampliação dos mercados consumidores, já que a necessidade preponderante deixou tudo para o mercado, que tudo regula. Raras vezes, na já bastante infeliz história alemã, se equivocou por tão pouco, se perdeu tão sombriamente, se deixou passar de modo tão leviano uma possibilidade efetiva de avaliação histórica por falta de força de organização.

E agora (conforme a velha receita) o remédio faz milagre: unificação monetária como tratado entre Estados. Talvez seja permitido a um escritor participar de tais cálculos, e antecipá-los, sobretudo quando ele aprendeu a fazer contas bem mais tarde, lidando com editores. A entrada do marco ocidental na RDA encontrará uma economia não-preparada e uma população sem a menor suspeita do que sejam as astúcias e vantagens da sociedade de mercado. O medicamento salutar só será eficaz no tocante àquilo que está impresso, em letras miúdas, na bula, vale dizer: no tocante aos sintomas e efeitos colaterais. Pois já de antemão é possível dizer que a maior parte do montante de marcos ocidentais transferidos para a RDA retornará em brevíssimo período ao Ocidente e aqui, tão-somente aqui, elevará o movimento de consumo e estimulará o turismo. Desejos há anos represados serão satisfeitos; viagens dos sonhos realizadas. Entre o Elba e o Oder, porém, onde a economia semimorta teria de ser ressuscitada e os empregos ameaçados teriam de ser garantidos, a moeda forte, na qual todo o mundo tem de acreditar, não será eficaz, ou o será apenas de modo insuficiente. Aquilo que se gasta nos centros de compra do Ocidente entre Lübeck e Munique pode, decerto, fazer tilintar as caixas registradoras e — numa forte expansão do consumo — elevar os preços; os produtos do Leste, porém, lá permanecerão, porque são invendáveis, servindo apenas para serem jogados fora.

As conseqüências são previsíveis: firmas já em dificuldade irão imediatamente à falência; outras empresas de produção, que poderiam ser sanadas, tornar-se-ão em breve inadimplentes; novas indústrias não ousarão expor-se à concorrência desigual. Os especialmente precavidos migrarão para o Ocidente mal acabarem de trocar o dinheiro. O desemprego subirá a níveis perigosos para a comunidade.

Afirmo que esta precipitada união monetária, não precedida por nenhum estímulo prévio à força econômica local, é um engodo que ao fim e ao cabo revelar-se-á uma fraude; desta vez, naturalmente, os logrados não serão apenas aqueles que freqüentam a praça da Igreja de São Nicolau; impacientemente, meus olhos vêem os povos dos dois Estados alemães como um único povo, em pé, em plataformas de embarque obser-

vando os trens partir. Ou para incomodar com uma outra imagem o bando de pássaros: pela conjuntura, para os papa-formigas, além dos indefectíveis abutres de falência, não faltarão os chupins.

Por que o supremo defensor do câmbio, o Banco Central Alemão, não levantou nenhuma objeção à fusão monetária? Ao menos em sinalizações de advertência o seu presidente, Karl Otto Pöhl, apontou a possível ineficácia da magia cambial para depois, no entanto, dar, cabisbaixo, passe-livre à pressa de Kohl. Já que com dinheiro apenas se especula e não mais se pensa, é lícito afastar idéias não ditadas pela urgência da unificação e preocupações com as necessidades da existência humana como sendo incômodas interrupções: tais coisas são lucubrações intelectuais sem propósito, uma vez que falam de uma terceira saída. Pessimismo profissional.

Gostaria que assim fosse. Arrebatou-me o gosto pelo excesso. Nenhum sonho de donzela¹ será desfeito, pois a capacidade político-financeira estará pronta para tudo. Eu gostaria que a crença infantil no livro ilustrado sobre economia de mercado, dos tempos de Ludwig Erhard, se realizasse, mas a experiência e a mera aparência dizem o contrário.

Durante as últimas semanas estive viajando pela região que vai de Stralsund a Leipzig, e por fim em Lausitz, onde as vastas minas de linhito, próximas a Senftenberg, entre Spremberg e Hoyerswerda, se oferecem ao desenhista como uma paisagem de emudecer. Algumas conversas ou coisas que ouvi de relance confirmaram-me o pressentimento. A incompetência de Bonn desencadeará de fato a de há muito comentada destruição da economia da RDA. Já agora se vê que os investidores de fora estão, quando muito, interessados no sistema de distribuição e fornecimento, porque através da utilização agressiva os produtos alemães-ocidentais — da cerveja ao videocassete — podem conquistar o mercado da RDA. A ruína da economia agrícola é, da perspectiva dos produtores alemães-ocidentais, fato consumado. Trustes, velhos conhecidos nossos, dominam o mercado de livros e jornais. Topógrafos de ex-latifundiários já tramam nas proximidades da Pomerânia e em Mecklenburg. Os novos senhores coloniais para lá se mudam e encontram obsequiosos colaboradores nos diretores de fábrica outrora dependentes do SED².

Contra tudo isso há apenas o catálogo das benesses prometidas. No entanto, a quem beneficiarão os valores pagos na proporção de 1:1 se uma grande quantidade de empresas ainda com capacidade de operação na RDA estará em pouco tempo em estado de inadimplência? À crescente oferta de emprego a Oeste seguir-se-á, como num baile com a depressão, o desemprego a Leste. É possível que o crescimento só se registre ali onde nossos temores, e os de nossos vizinhos, têm sua origem, isto é: no radicalismo da direita alemã, tanto mais que não se é de excluir o fato de que mesmo o bezerro de ouro, o forte marco alemão-ocidental, venha a sofrer baixas.

E tudo isso sem nenhuma necessidade ou apenas porque alguns políticos, tendo o primeiro-ministro à frente, tratam a história como se fosse conversa particular³. Essa apressada incompetência não permite que aqui-

(1) "Sonho de donzela" traduz a expressão, difícil de verter, "*Mager milchmädchenrechnung*". Na fábula de La Fontaine, uma leiteira (em alemão "*Milchmädchen*") calcula, em pensamento, quanto ganhará com a venda do leite e sonha com o que fará do dinheiro (daí a "*Rechnung*"). Exaltada com as possibilidades, acaba derrubando o leite. Note-se que o autor acrescenta o termo "*Mager*" ao vocábulo. A donzela sonha, segundo o chiste de Grass, com o "leite sem calorias" - alemão-ocidental. (N. do T.)

(2) *Sozialistische Einheitspartei Deutschlands*: Partido Socialista Unificado da Alemanha. (N. do T.)

(3) Conversa particular traduz "mit der Geschichte auf du und du wähen". (N. do T.)

lo que tem afinidades cresça junto, fazendo antes ampliar a distância mantida durante quarenta anos: iludidos pelo bem-estar, recompensados com o desemprego os alemães de lá e os daqui tornar-se-ão uns aos outros mais estranhos do que nunca.

Pode-se, porém, perguntar: por que esta queixa? Que pode significar tal obstinação diante de resultados eleitorais tão evidentes? Ela se deve ao fato de que, paralelamente à advertência em relação à unidade, na qual tão desatinadamente se insiste, é preciso uma vez mais dar nome aos responsáveis. Ouso duvidar que a objeção atinja o primeiro-ministro. Mas o conselho do Banco Central Alemão está conclamado a não dar sua anuência ao embuste da unificação monetária. Dentro de suas possibilidades, o presidente da República tem advertido até agora para a ação precipitada e para uma nova tutela sobre a gente de nosso país. Quase não foi ouvido e, não obstante, procurou compensar — ainda que apenas por meio de palavras — a constante rispidez contra nossos preocupados e até sobresaltados vizinhos; e o fez também na Polônia, onde a desconfiança aumenta desde o discurso de Waigel sobre a Silésia. Penso que agora Richard von Weizsäcker teria o dever de recusar o assentimento à ameaçadora calamidade de uma união monetária precipitada, como se esta fizesse as vezes de um tratado entre Estados, e de impor uma parada provisória ao trem da unidade alemã.

Isso para que possamos nos deter. Para que se tenha tempo de esboçar uma idéia cuja substância seja mais rica do que a mera unificação estatal e pecuniária. Para que, enfim, aproveitemos a oportunidade de buscar, no espectro democrático, sugestões que nos ajudem na nova Constituição. Apenas quando a federação e os estados, o Parlamento e a Câmara do Povo, os governos e a oposição, as igrejas e os sindicatos (e, se se desejar, também os mal-afamados intelectuais) encetarem um diálogo a respeito de sua Constituição, a nova Alemanha será justa a seus cidadãos e também a seus vizinhos. O passado alemão nos obriga a tal prudência; além dele, outras tantas ameaças presentes — a destruição do meio ambiente e a alteração climática, a superpovoação e conseqüente miserabilidade nos países do Terceiro Mundo — já antecipam o futuro.

Como federação, um novo Estado fundado na pluralidade cultural não terá apenas alemães entre seus cidadãos. No interior de suas fronteiras, italianos e iugoslavos, turcos e poloneses, africanos e vietnamitas encontraram abrigo, trabalho, moradia e, muitas vezes, também uma nova pátria. Eles ampliam nosso conceito de cultura. Podem ajudar a reviver a consciência, difusa tanto hoje como outrora, que temos no que diz respeito a nossa nação. Com sua ajuda seremos, enquanto alemães, também europeus.

Mas ainda haverá chance de distanciar-nos da trivialização da questão alemã como mera unidade monetária e, deixando de lado a pressa irrefletida, entrar num ritmo que, com pulsação tranqüila, possibilite idéias?

Voltemos à Praça dos Logrados: Leipzig, Igreja de São Nicolau. O espaço luminoso, alegre, convida à reflexão. Foi aqui que tudo começou.

Günter Grass é escritor na República Federal Alemã.

Aqui já estão enterradas algumas esperanças. E, no entanto, a partir daqui se pôde testar — deixando Bonn e Berlim para trás — a idéia que até então faltava; pois se se traçasse uma linha imaginária da Igreja de São Nicolau em Leipzig até a Igreja de São Paulo em Frankfurt, e se seguisse esta linha imaginada...

Mas de que estou falando? Alguém ainda me ouve?

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 28, outubro 1990
pp. 9-14
